

RÚSSIA X UCRÂNIA: FALHAS NAS TEORIAS OCIDENTAIS DE ZONA CINZA

Por Sam Cranny-Evans*



Carros de combate russos participam de exercício na Crimeia, em março de 2021 (Sergei Malgavko/Alamy Stock Photo).

O envio de tropas russas para a fronteira com a Ucrânia mostra que o Ocidente se concentrou nos aspectos errados de sua política de dissuasão e interpretou mal as intenções da Rússia.

Pela segunda vez neste ano, forças terrestres russas estão se concentrando nas fronteiras da Ucrânia. E, de acordo com relatórios citando funcionários de inteligência dos EUA, estes podem ser os preparativos para uma invasão da Ucrânia neste inverno. O Kremlin negou qualquer irregularidade e esforça-se por salientar que tem o direito de deslocar suas forças em seu próprio território, ao mesmo tempo que aponta os vários exercícios da OTAN no Mar Negro e na Europa como motivos razoáveis para uma resposta militar.

Para todos os efeitos, as potências ocidentais parecem não estar dispostas a impedir a Rússia se Moscou decidir invadir a Ucrânia. Fundamentalmente, a Ucrânia tem um valor muito mais alto para a Rússia do que para o Ocidente, e a resposta às forças russas reunidas na fronteira com a Ucrânia mostra isso. O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, está considerando o envio de conselheiros militares e armamento adicional, mas nenhuma garantia concreta como aquelas oferecidas aos países bálticos. O presidente Vladimir Putin provavelmente está ciente disso e, portanto, o Kremlin tem a iniciativa em qualquer ação escalonada tomada contra a Ucrânia.

Talvez o aspecto mais surpreendente do aumento da força russa em 2021 é que ela mostram a verdadeira natureza da maneira como a Rússia garante sua própria

segurança e a ameaça que ela potencialmente representa se não for tratada adequadamente. A ameaça mais perigosa às fronteiras da OTAN não é um punhado de soldados russos sem insígnias, nem um ataque cibernético coordenado. É uma escalada militar convencional liderada pelas Forças Terrestres Russas. Os eventos nas fronteiras da Ucrânia mostram que o discurso público em torno da guerra híbrida superou sua utilidade como ferramenta para compreender a Rússia. Nunca foi uma estratégia que os teóricos russos identificaram como exclusivamente russa, atribuindo-a, em vez disso, ao Ocidente. Por isso, deve-se dar maior ênfase ao papel da dissuasão e coerção convencionais dentro da política externa russa para obter uma melhor compreensão de como os eventos nas fronteiras da OTAN teriam probabilidade de evoluir em caso de conflito.

HÍBRIDO AOS OLHOS DE QUEM VÊ

Os teóricos militares russos e o alto escalão não reconhecem a guerra híbrida como uma ferramenta própria. Em vez disso, desde que discutiu a ideia em 2013, o general Valery Gerasimov, chefe do Estado-Maior da Rússia, repetidamente atribuiu o conceito aos EUA e seus parceiros. A acusação, em termos gerais, é que os Estados Unidos usam forças não governamentais, coerção governamental na forma de sanções internacionais e punições coletivas, bem como ataques cibernéticos e campanhas de informação, todos apoiados pela ameaça da força convencional, para influenciar os resultados a seu favor. No que diz respeito à Rússia, essas técnicas foram usadas para desencadear a série de revoltas populares de 2011 no Oriente Médio, conhecidas como Primavera Árabe, bem como campanhas de “mudança de regime” no Iraque, Afeganistão e Iugoslávia. A resposta da Rússia a isso foi incorporar algumas dessas ferramentas em sua própria política externa. No entanto, o objetivo principal de Moscou continua a ser garantir a segurança por meio da dissuasão convencional.

A partir de 2008, as forças armadas russas embarcaram em um ambicioso e demorado processo de reforma e modernização sob o comando do Ministro da Defesa e Chefe do Estado-Maior, Anatoly Serdyukov. De acordo com Michael Kofman, pesquisador do Centro de Análises Navais, Serdyukov estava percebendo a herança intelectual do Chefe do Estado-Maior Soviético, Marechal Nikolai Ogarkov, que imaginou um exército tecnologicamente avançado capaz de derrotar a guerra emergente centrada em redes da OTAN. O objetivo da modernização era revolucionar o modelo de guerra russo, permitindo-lhe lutar em uma guerra convencional com a OTAN, sem necessariamente ter que contar com seu dissuasor nuclear. Isso melhora o sentimento de segurança da Rússia, e a representação externa disso é a intervenção amplamente bem-sucedida na Síria, onde a Rússia conseguiu impedir o que considera a derrubada orquestrada pelo Ocidente de um regime amigável.

“O discurso público sobre a ameaça representada pela Rússia tende a enfatizar os riscos apresentados pelas táticas da zona cinza acima das da guerra convencional”

O programa de modernização levou à “kalibrização” da frota de superfície da Rússia, permitindo-lhe atingir alvos no mar e em terra em toda a Europa a partir da segurança das águas russas. Ativos de ataque de precisão de longo alcance, como Iskander-M, são agora encontrados em todas as Forças de Foguetes Estratégicos da Rússia, permitindo-lhes manter em risco grandes parcelas das fronteiras da OTAN, incluindo infraestrutura civil e militar. Tudo isto foi acompanhado por uma modernização dos meios de defesa aérea da Rússia e das suas forças terrestres, levando a uma erosão da superioridade tecnológica da OTAN. A maior distribuição de mísseis de cruzeiro e outros elementos de precisão, combinados com o que é indiscutivelmente o sistema de defesa aérea em camadas mais avançado e letal do mundo, significa que as forças convencionais da Rússia representam um impedimento confiável, contra o qual os resultados de qualquer ação militar seriam, na melhor das hipóteses, incertos.

PERIGOS DO RÓTULO HÍBRIDO

Ainda assim, as ações da Rússia na tomada da Crimeia em 2014 e seu subsequente envolvimento na guerra na Ucrânia estabeleceram o padrão para o que foi visto no Ocidente como uma guerra híbrida, na qual uma combinação de atores não estatais, ataques cibernéticos, forças especiais e a guerra eletrônica, apoiada pela ameaça e uso ocasional de força convencional, foi usada para tomar o controle da península da Crimeia e desestabilizar a Ucrânia, atraindo suas forças armadas para um conflito prolongado e sangrento.

Isso levou analistas ocidentais, armados com seu “martelo” de guerra híbrido, a ver pregos em todos os lugares. Qualquer aparição dos infames mercenários da Wagner imediatamente se torna um sinal externo das “táticas de zona cinza” da Rússia, ao contrário de uma organização privada em busca de ganhos financeiros. Os ataques cibernéticos da Rússia caem em um nicho semelhante: os ataques Solar Winds de 2020, por exemplo, foram marcados como espionagem cibernética e, portanto, um elemento das táticas de zona cinza da Rússia, em vez de simples espionagem. Da mesma forma, a crise de migrantes na fronteira entre a Bielorrússia e a Polônia – em parte atribuída a Putin – foi rotulada como um possível prelúdio para “algo muito pior”.

O resultado disso é que o discurso público sobre a ameaça representada pela Rússia tende a enfatizar os riscos apresentados pelas táticas de zona cinza, aparentemente acima dos da guerra convencional. Enquanto servia como chefe do Estado-Maior do Reino Unido, o general Sir Nicholas Carter alertou em 2018 que os ataques cibernéticos a infraestruturas militares e civis eram uma das maiores ameaças representadas pela Rússia e outros estados hostis. E mais recentemente, em agosto de 2021, Edgars Rinkevics, o Ministro das Relações Exteriores da Letônia, disse ao Financial Times que o uso de armas na Rússia e na Bielorrússia arriscou uma escalada não intencional. A OTAN desenvolveu e adotou uma estratégia contra-híbrida da qual a dissuasão convencional aparentemente faz parte. No entanto, grande parte da mídia da Aliança se concentra em como combater a ameaça híbrida.

Os elementos não convencionais da abordagem da Rússia às suas relações com a OTAN e o resto do mundo representam, sem dúvida, a ameaça mais significativa que o país representa. No entanto, também precisa haver um discurso público sobre a ameaça convencional muito real, que seria usada para visar a infraestrutura militar e civil em caso de guerra. Embora a OTAN possa não ter o apetite por uma resposta militar convencional aos acontecimentos na Ucrânia, é hora de um debate mais amplo sobre o que as ameaças convencionais e a dissuasão no contexto russo significariam para os cidadãos europeus. Por exemplo, como a OTAN controlaria a escalada decorrente da Rússia visando uma usina de energia com efeitos cinéticos ou cibernéticos em uma tentativa de obrigar o estado anfitrião a alterar seu curso de ação?

COERÇÃO ENTRE DOMÍNIOS

No entanto, é evidente que a Rússia adotou uma atitude que incentiva a coerção entre domínios como parte da política do dia a dia e que a Rússia se percebe em constante estado de competição com o Ocidente. Isso foi bem documentado por Kofman e Dmitry Adamsky, entre outros, e a Rússia certamente está tentando ganhar o favor de outros países por meio do uso de mercenários e conselheiros militares – uma estratégia que era padrão para a União Soviética.

No entanto, os militares e governos ocidentais têm se preocupado em combater essa ameaça à custa de entender as intenções da Rússia.

"Apesar de todas as palavras ousadas que prometem 'graves consequências' caso as tropas russas entrem na Ucrânia, há poucos sinais de que a OTAN realmente possua a vontade ou os meios para repelir uma incursão russa"

A Rússia quer o que sempre quis: segurança ao longo de suas fronteiras contra um bloco de países que a invadiram e causaram traumas horríveis em várias ocasiões. Não vê a OTAN como uma coleção benigna de militares com sistemas políticos semelhantes, mas como uma aliança militar com o propósito expresso de levar a cabo uma guerra contra a Rússia e seus interesses. A resposta a isso tem sido um aumento convencional da força como o principal fiador da segurança russa. Ataques cibernéticos, implantações de mercenários e ameaças de restrição de energia são ferramentas projetadas para moldar o ambiente operacional, mas a garantia de segurança final recai sobre os ombros das forças armadas da Rússia. Eles fornecem o tipo de segurança que os ataques cibernéticos e "homenzinhos verdes" não podem alcançar.

UMA CONSTRUÇÃO MUITO CONVENCIONAL

O aumento de tropas russas na fronteira com a Ucrânia pela segunda vez em 12 meses expõe essa falha na maneira de pensar ocidental. Apesar de todas as palavras ousadas que prometem "graves consequências" caso as tropas russas

entrem na Ucrânia, há poucos sinais de que a OTAN realmente possua a vontade ou os meios para repelir uma incursão russa.

Da mesma forma, a OTAN não comunicou de forma credível os riscos associados a qualquer ação contra a Ucrânia e optou por permanecer vaga quanto à sua atitude. Tudo isso significa que, em um nível muito simples, a Rússia pode ter calculado que os benefícios potenciais de uma nova campanha na Ucrânia provavelmente superam os riscos e que, no final das contas, uma campanha seria bem-sucedida.

Se quisermos levar a Rússia a sério como uma ameaça, é necessário compreender que a dissuasão exigirá adaptações aos apetites de risco e aos resultados esperados. As ações da Rússia em torno da Ucrânia indicam que ela pode estar tentando obrigar a Ucrânia ou a OTAN a concordar com uma mudança no *status quo* na Europa, aceitando uma nova divisão do continente em esferas de influência.

E se Moscou decidir fazer isso, é improvável que seja feito com soldados em uniformes não identificados ou ataques cibernéticos liderados por agências de inteligência da Rússia. Será alcançado por meio dos tubos de artilharia e sistemas de mira do 1º Exército Blindado de Guardas, ou alguma outra formação que esteja bem-posicionada para conduzir operações convencionais. É lógico que a OTAN deva priorizar o último resultado da política externa russa em seu discurso público antes de apoiar as táticas incômodas que estão no centro das atuais teorias de guerra híbrida.

As últimas são certamente mais prováveis, mas as conversas que ocorreram em torno dessas ameaças não convencionais significam que elas são relativamente bem compreendidas e que existem sistemas para minimizar seu impacto. Além disso, ao se afastar das discussões isoladas de guerra híbrida, o Ocidente obterá uma melhor compreensão da maneira como a Rússia realmente busca a segurança quando é ameaçada. As lições tiradas do acúmulo nas fronteiras da Ucrânia podem, portanto, informar a forma como a OTAN cuida da segurança dos seus próprios membros.

***Sam Cranny-Evans** é formado em Estudos de Guerra pela Universidade de Kent, no Reino Unido, onde se graduou com honras em 2012, tendo escrito uma dissertação sobre o moral da população russa durante a Segunda Guerra Mundial. Seus estudos incluíram conflitos ao longo da história, das Guerras Púnicas às Malvinas. Atualmente, é analista do RUSI. Anteriormente, atuou no Janes Information Group.
